

*Literatura e filosofia: representações do
devir-mulher, em Vozes do Deserto, de
Nélida Piñon*

Literature and philosophy: representations of becoming-
woman in Vozes do Deserto of Nélida Piñon

Maria do Socorro Souza Silva¹; Roniê Rodrigues da Silva²

Resumo: Este estudo objetiva investigar como se configuram as representações identitárias das personagens protagonistas do romance *Vozes do Deserto* (2004), da escritora contemporânea Nélida Piñon, numa associação com as teorias desenvolvidas pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, sobretudo a partir da noção de devir-mulher, problematizada no volume 4 do *Mil Platôs* (2012). Nossa discussão se desenrola a partir da análise do embate entre a figura da Scherezade e a do Califa, ao longo da narrativa, apontando para o entendimento de que a personagem feminina, tanto na sua vida social como na função de contadora de histórias, assume uma identidade que passa por processos de devir, traduzindo uma microfeminilidade que emerge manifestada pela potência da palavra, sobretudo, por suas ações e pelo modo como cria e performatiza os enredos que inventa. Por outro lado, o sujeito masculino é colocado numa posição contrária, em que sua subjetividade está relacionada ao universo de uma macropolítica, sendo reconhecido pelo leitor como uma figura despotencializada.

Palavras-chave: Literatura; Filosofia; Nélida Piñon; Vozes do deserto; Devir.

¹ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL (UERN). E-mail: mariadosocorro.uzl@hotmail.com

²Doutor em Literatura Comparada pela UFRN. Professor do Programa de Pós-graduação em Letras e do Departamento de Letras Vernáculas da UERN. E-mail: ronierodrigues@uern.br

Como citar: SILVA, Maria do Socorro Souza; SILVA, Roniê Rodrigues da. Literatura e filosofia: representações do devir-mulher em Vozes do Deserto, de Nélida Piñon. **Papéis:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (ISSN 2448-1165), Campo Grande, MS, vol. 24, n. 48, p. 75-88, jul-dez, 2020 [2023].

Abstract: *This work aims to investigate how the protagonist characters identity representations of the novel Vozes do Deserto (2004) are constituted, by contemporary writer Nélide Piñon, in an association with the theories developed by the French philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari, especially from the notion of becoming-woman, problematized in volume 4 of Mil Platôs (2012). Our discussion developed from the clash analysis between the figure of Scherezade and Caliph, throughout the narrative, pointing to the understanding that the female character, both in her social life and in her role of narrator, assumes an identity that undergoes the process of becoming, translating an idea of power manifested, above all, by her actions and by the way she creates and performs the series of situations she invents. On the other hand, the male subject is placed in an opposite position, in which his subjectivity is related to the universe of macro-politics, being recognized by the reader as a non-potentiated figure.*

KEYWORDS: *Literature; Philosophy; Nélide Piñon; Vozes do Deserto; Becoming.*

Introdução

Os estudos a respeito da (des)construção identitária têm se constituído como matéria recorrente em diferentes campos do saber, sobretudo na área das Ciências Humanas e Sociais. Teóricos como Zygmunt Bauman (2005), Stuart Hall (2005), dentre tantos, se propõem a problematizar a referida temática, entendendo-a, cada vez mais, em constante processo de (re)elaboração, especialmente na transição da modernidade para a pós-modernidade, quando a questão aparece representada pelo signo da liquidez. Assim, a identidade passa a ser compreendida como algo não estável, mas em permanente transformação, longe de uma noção estanque e sem modificações. Sobre esse entendimento da identidade, Bauman (2005, p. 19) enfatiza que:

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

Segundo o pensamento desse estudioso, a formulação da identidade encontra-se nesta relação de embate entre as questões próprias de cada indivíduo e àquelas provenientes da influência das outras pessoas. Assim, nossa existência é como um mosaico organizado em pequenos fragmentos, pedacinhos de cores, formas e tamanhos diferentes que, muitas vezes, não se encaixam.

No atual cenário, enquanto sujeitos contemporâneos, transfiguramos subjetivações momentâneas e fragmentadas, de forma que a própria forma como convivemos nos permite adquirir identidades passageiras e em constante processo de mudança. Segundo Bauman (2005, p. 19), “[...] em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta

está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados”. Por esse motivo, a compreensão de identidade no contexto pós-moderno é bastante complexa, inserida numa era fragmentada em que tudo ao nosso redor, como os relacionamentos e as pessoas, absorvem as características desse cenário.

No âmbito dos programas de pós-graduação, a literatura e os estudos que a debatem não têm ficado à parte dessa discussão. Há uma infinidade de pesquisas voltadas para esse eixo temático, investigando a identificação dos sujeitos de uma maneira geral, mas sobretudo das chamadas minorias, dentro das quais se encaixa a figura feminina. Associando-se a esses trabalhos, este texto objetiva analisar a representação da identidade feminina a partir da leitura da personagem Scherezade, protagonista do romance *Vozes do deserto*, de Nélida Piñon (2004), num contraponto com a identificação do personagem Califa, considerando a relação com os conceitos filosóficos de Deleuze e Guattari, na obra *Mil Platôs*, a partir da noção de devir-mulher.

Ao longo da leitura, problematizaremos como a personagem feminina, tanto na sua vida social como na função de contadora de histórias, assume uma identidade que se traduz por marcas de uma microfeminilidade, em contraposição aqueles estereótipos normalmente atribuídos ao sujeito mulher, as quais emergem manifestadas pela potência da palavra, sobretudo, pelo comportamento da mulher e pelo modo como cria e performatiza os enredos que inventa. Por outro lado, o sujeito masculino, representado pelo soberano de Bagdá, é colocado numa posição contrária, em que sua subjetividade está relacionada ao universo de uma macropolítica, sendo reconhecido pelo leitor como uma figura despotencializada.

Para que possamos compreender o desenrolar das supracitadas questões, é importante assinalar que o romance nelidiano é uma espécie de (re)encenação da famosa história árabe, *O livro das Mil e uma noites*, que povoa o imaginário do oriente e do ocidente desde os seus primeiros registros no século XV. Assim, além das inúmeras traduções desse texto, adaptação fílmica etc., Nélida Piñon, em *Vozes do Deserto*, apresenta sua versão da história clássica, recriando personagens e enredos já conhecidos na literatura universal.

O livro é organizado em 36 capítulos numerados, mas não nomeados e a narrativa é construída em torno de uma personagem conhecida pela arte de lidar com as palavras e

de encantar aqueles que a escutam. Assim, oriunda da saga oriental, Scherezade emerge na narrativa de Piñon como uma protagonista insubordinada, que resolve desafiar o poder institucional representado pelo Califa de Bagdá, a fim de suspender um decreto de morte que pesa sobre as donzelas do reino. A história tem início com a protagonista tentando convencer seu pai, o Vizir, de ser ela a única capaz de pôr fim ao decreto de morte estabelecido no califado. Conhecedor do poder e da tirania exercidos pelo monarca de Bagdá, o Vizir opõe-se à decisão da filha, porém, ela se destitui da sua favorável condição de princesa para casar-se com o Califa, no intuito de livrar as demais mulheres de uma morte pré-determinada.

Seguindo seus propósitos, a partir da noite de núpcias, Scherezade põe em prática o plano acertado com a irmã Dinazarda, a qual deveria entrar nos aposentos do soberano e sugerir ao Califa que permitisse a recente esposa contar-lhe uma história. É a partir dessa feita que *Vozes do deserto* se desenvolve: visando escapar da morte, a personagem feminina inicia uma história e a interrompe no seu ápice, deixando os seus ouvintes a espera pelo desfecho final. Dessa maneira, vai se valendo do fascínio da fábula para, dia após dia, sobreviver.

Scherezade: o devir-mulher e o universo da micropolítica

O termo devir, em seu sentido literal, traduz a ideia de fluxo permanente, de um movimento ininterrupto, de transformação de todas as realidades existentes. Numa concepção filosófica, segundo observam Marcondes e Japiassú (1996), o termo remontaria a Heráclito, para quem o devir seria exemplificado pela relação do homem com as águas de um rio: o mesmo homem não atravessa o mesmo rio duas vezes porque, a partir da segunda travessia, nem o homem e nem o rio são os mesmos.

O conceito de devir também é problematizado por Nietzsche, que o compreende “[...] como algo que não tem estado final, não projeta uma identidade [...] Devir como um estado de variação” (NIETZSCHE, 2008, p. 358). Nesse sentido, devir consiste num processo de deambulação, a partir do qual o sujeito pode viver novas experiências. Segundo Deleuze e Guattari:

[...] devir não é imitar algo ou alguém, identificar-se com ele. Tampouco é realizar ações formais. [...] Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 67)

Entendido dessa maneira, o devir se desenvolve numa relação de vizinhança. A partir do que se tem e do que se é, é preciso criar linhas de fuga, adquirir meios para escapar de uma identificação instituída. Segundo os dois filósofos franceses, existem diferentes tipos de devir - o devir-criança, o devir-animal, o devir-mulher etc., - mas ele deve sempre ser associado ao universo das minorias, daquilo que eles consideram como parte do menor, visto que, para essa compreensão filosófica, o que pertence ao espaço do majoritário geralmente não se transforma. A esse respeito, os estudiosos afirmam que:

[...] O que nos precipita num devir pode ser qualquer coisa, a mais inesperada, a mais insignificante. Você não se desvia da maioria sem um pequeno detalhe que vai se pôr a estufar, e que lhe arrasta. [...] Devir-minoritário é um caso político, e apela a todo um trabalho de potência, uma micropolítica ativa. É contrário da Macropolítica [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 94)

Pensando a noção de devir a partir de uma leitura crítica de *Vozes do Deserto*, podemos associar a construção identitária da personagem Scherezade a esse processo, especificamente a um devir-mulher. Tal associação é possível de ser percebida através de algumas de suas ações ao longo do romance, sobretudo pelo fato de ela não se resignar a uma identificação estereotipada atribuída ao sujeito feminino, constituindo-se, antes, como uma menina/jovem/mulher que transgride às regras sociais de seu tempo, configurando-se como uma espécie de heroína, guerreira, que objetiva livrar as jovens mulheres de Bagdá do decreto de morte que pesa sobre elas.

Lembremos, inicialmente, que o referido decreto não atinge diretamente a referida personagem, visto que Scherezade, sendo filha do Vizir, é representada na narrativa como uma espécie de princesa. Nessa posição social, ela goza de certas regalias próprias daqueles que pertencem a sua grei. Desse modo, quando decide mudar de vida, tomando a defesa das demais mulheres do reino, a personagem entra em um processo de permanente desterritorialização, pois abandona a condição confortável de nobre, para viver uma realidade instável, numa espécie de corda bamba, na qual deve se equilibrar dia após dia, emendando uma história na outra, para escapar da morte.

Note-se que, dessa maneira, o processo de devir se principia por uma ruptura provocada pelo fato de a mulher tomar para si não uma subjetivação institucionalizada, dentro da qual ela viveria reclusa no palácio do pai, alheia ao destino das demais donzelas do reino, mas uma outra caracterizada por um espírito combativo. Na passagem do texto literário, transcrita a seguir, observamos como Scherezade renuncia por completo a um modo de vida considerado cômodo para, em seu lugar, experienciar uma nova identificação:

Chegara ao palácio desprovida de bens, sem as pompas devidas à filha do Vizir. Como uma jovem oriunda do deserto que, após perder a língua, a tenda, os camelos, as canções, o rastro da grei, passara a depender da misericórdia do Califa. A modéstia de Scherezade, sem trazer nada de seu, vinda com a escolta do Vizir, surpreendera o soberano. (PIÑON, 2004, p. 55)

O texto literário nos mostra que Scherezade, ao abdicar da posição de princesa, passa a se associar ao universo do menor pois, como mencionado no excerto, ela chega ao palácio do Califa, parecendo uma moça de origem nômade e humilde. Assim, enquanto o Vizir e o Califa podem ser concebidos como representantes das instituições familiar e estatal, respectivamente, ocupando posições elevadas dentro de uma hierarquia social, a personagem feminina traduz um desejo de se relacionar com aqueles indivíduos errantes, sem espacialidade fixa, por isso não chega ao palácio do Califa ancorada em títulos, em bens ou ‘pompas devidas à filha do Vizir’. O seu devir-mulher se potencializa pelas escolhas que faz, sobretudo por um desprendimento colocado em primeiro plano pelo abandono dos bens e pela perda de um *status* que ela não anseia em carregar como bagagem.

Nessa interpretação, o que observamos é que ela prefere estabelecer agenciamentos com aqueles sujeitos quase sempre marginalizados, que não pertencem à sua casta, à dinastia dos Abássidas, optando por entrar numa zona de vizinhança com o universo do menor representado na narrativa pelos andarilhos do deserto e pelas jovens mulheres condenadas à morte pelo poder estatal.

A respeito das noções de “maior” e de “menor”, como problematizadas na filosofia de Deleuze e Guattari, caberia, então, perguntar: se o devir é pensado a partir de uma associação com o universo das micropolíticas, quais critérios são problematizados pelos dois estudiosos franceses para definir a ideia de maior e menor (maioria/minoria)? Essa definição não é dada, na filosofia Deleuze-Guattariana, por uma ideia de quantidade, mas

pela força normalizadora, por um modelo cuja função é orientar o campo de forças que constituem o homem. Dentro de uma sociedade patriarcal, esse lugar do maior é ocupado pelo masculino.

A identificação considerada como majoritária/molar é a do homem branco, adulto, racional, morador das áreas urbanas, com práticas sexuais ativas e heterossexuais (poderíamos dizer ainda que se refere ao homem ocidental, sobretudo ao sujeito europeu). A ideia de maior atribuída a essa identificação se constitui, nesse sentido, por um marcador de poder, por um comportamento de dominação, ao qual a mulher apareceria quase sempre submissa.

Essa submissão, no caso específico do indivíduo mulher, traduziria padrões fixados para uma identificação feminina que Deleuze e Guattari (2012) consideram como parte de uma macrofeminilidade representada pela insígnia da mulher obediente, presa a lógica de uma sociedade patriarcal, da qual Scherezade deseja se desvincular na medida em que vai rompendo com uma série de tradições tanto relativas ao gênero como a posição social que ocupa dentro do contexto em que se passa a narrativa.

Assim, potencializando o seu devir-mulher ao longo da trama, a protagonista investe, inicialmente, em fugas secretas que a deslocam do palácio do pai para a praça pública, os mercados de Bagdá, a geografia do deserto, lugares onde assimila as narrativas populares, os enredos que brotam dos corações cativos, o conhecimento que lhe chega da psique coletiva do povo. Nesses espaços, a contadora de histórias compõe o seu repertório, experienciando uma vivência anômica, semelhante àquela de que nos fala Michel Maffesoli (2001), e que se caracteriza pela ausência das normas sociais, pelos fluxos de sujeitos migrantes: andarilhos e bandoleiros que, no contexto do romance, formam as vozes do deserto:

[...]. Mas soubesse, desde já, que esta princesa, verdadeiro arauto do imaginário típico do deserto, sabia utilizar como ninguém, mediante sons rupestres e guturais do idioma, o linguajar típico das caravanas, das tribos dispersas, dos desolados beduínos do deserto. [...]. Sem cerimônia, Scherezade apodera-se dos enredos acomodados naquele coração cativo, ou de quem mais cruze por ela. É assim que Scherezade circula a esmo em meio a vendedores de água, aos encantadores de serpente, aos dentistas que exibiam como troféus dentes arrancados de heróis e assassinos célebres (PIÑON, 2006, p. 86, 87).

Consoante declara o narrador, a personagem se distancia da sua grei familiar desterritorializando-se de uma macrofeminilidade para constituir agenciamentos com

aqueles sujeitos errantes que deambulam pela geografia do deserto e com “quem mais cruze por ela”.

Por isso, por ocasião do decreto de morte, a sua aproximação não ocorre com aqueles que detém o poder, mas com o grupo de jovens condenadas à morte, é com ele que a mulher potencializa o seu devir. Os estudiosos franceses destacam em relação ao devir que: “Ele indica o mais rigorosamente possível uma zona de vizinhança ou de co-presença de uma partícula, o movimento que toma toda partícula quando entra nessa zona”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 67). Desse modo, Scherezade ao confrontar o pai, abandonar sua morada, casar-se com o Califa e assumir a condição de heroína das jovens de Bagdá, passa a estabelecer relações com um novo mundo, constituindo sua subjetividade a partir dele.

Esse processo será potencializado na sequência da narrativa, quando assumirá definitivamente a função de contadora de histórias, quando Scherezade estará permanentemente numa condição de devir, o qual poderíamos classificar como devir-revolucionário, que se caracteriza por uma política de resistência diante do modo autoritário do aparelho de Estado, figurativizado dentro do romance através da figura do Califa. Como representante maior de um poder estatal, o soberano de Bagdá aparece ao longo do texto tentando limitar a liberdade dos súditos, sobretudo da mais recente esposa, Scherezade.

Deleuze e Guattari destacam que as instituições, desde sempre, objetivaram suprimir os processos de devir, o seu intuito é, principalmente, [...] “caçá-los e reduzi-los a relações de correspondência totêmica e simbólica”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 32). Nesse sentido, aqueles sujeitos que não se submetem aos ditames das instituições são sacrificados, despotencializados, como ocorre no enredo do romance com a personagem da Sultana, esposa do Califa, encaminhada para a morte no cadafalso por tê-lo traído com um escravo.

Dessa forma, entendemos que Scherezade ao contrapor-se ao decreto do Califa, ao travar com ele um embate diário, não se submetendo totalmente às ordens do soberano, realiza também o seu devir-revolucionário. Para Deleuze e Guattari, esse tipo de devir seria responsável por uma espécie de ativismo próprio das micropolíticas, emergindo como uma forma de reação a um modelo de política instituída e que seria considerada como sendo a macropolítica. Em *Vozes do deserto*, essa macropolítica seria traduzida

pelas ações do chefe de Estado, que age através da força, da imposição de uma tirania. Enquanto Scherezade manifestaria o seu devir-revolucionário criando outros mundos por meio da imaginação, sem permitir que as forças institucionais limitem suas ações.

O Estado, a religião e a família são, na sociedade, de um modo geral, e em *Vozes do Deserto*, de um modo particular, as principais instituições de controle dos sujeitos. Na perspectiva dos filósofos, estas instituições são vistas como as forças majoritárias que limitam a potência dos devires. Na narrativa nelidiana em estudo, elas aparecem representadas, sobretudo, pelo Vizir, representante da instituição familiar; pelo Califa, que tenta reduzir a potência das forças minoritárias; e pelo Islã, a religião oficial.

Deleuze e Guattari (2012) destacam também que há nos processos de devir a presença de dois planos, um pertencente a uma ordem que busca encobrir as potencialidades, a liberdade dos sujeitos, denominado de *plano de organização*; e outro que, de certo modo, contrapõe-se a esse *plano de organização*. Este segundo, denominado pelos filósofos de *plano de imanência, de consistência ou de composição* caracteriza-se principalmente pela:

[...] desestraficação de toda a Natureza, inclusive pelos meios os mais artificiais [...] Mais ainda, o plano de consistência não preexiste aos movimentos de desterritorialização que o desenvolvem, às linhas de fuga que o traçam e o fazem subir à superfície, aos devires que o compõem". (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 63).

Nessa perspectiva, acreditamos que o comportamento de Scherezade vai se constituindo por uma subjetivação que passa pelo plano de imanência, pelos processos de constituição do desejo. A todo instante, ela agencia meios para escapar da morte, cria linhas de fuga e de desterritorialização e principalmente não permite que o *plano de organização* interrompa as intensidades, a desestratificação dos estratos, a potência de criação, a partir da qual vai compondo, dia após dia, as histórias que conta para o Califa. Isso pode ser compreendido ao observarmos a sua relação com a religião, fundamental para o povo islâmico, mas que não aparece para Scherezade como uma vocação:

[...] Para sua natureza inconformada, a religião não constitui uma vocação. Ao contrário, centrada na banalidade do cotidiano, há muito afastara-se do plano divino, a pretexto de lançar-se à fúria dos personagens que lhe desgovernavam a imaginação. (PIÑON, 2004, p. 93)

A Scherezade nelidiana, ainda que tenha uma formação religiosa, uma educação proveniente dos grandes mestres e dos preceitos do Corão, não permite que esses ensinamentos limitem a sua potência de sujeito mulher, de artista contadora de histórias, de heroína das donzelas do reino. Ao afastar-se dos ditames religiosos, Scherezade mostra-nos que a tentativa de estratificação imposta pelo pai, ao determinar que ela e sua irmã, desde cedo, fossem doutrinadas pelos preceitos do Corão, de nada valeu a pena, pois, ainda assim, ela percebe que para viver e se transformar na heroína de que as jovens de Bagdá precisavam, era necessário abandonar a sua antiga existência, aquela determinada pelas regras religiosas e familiares, das quais, desde menina, ela lutou para se destituir e que agora, já mulher, pôde fazê-lo.

Enquanto é possível associar a constituição identitária da protagonista Scherezade à noção de devir, a identificação do Califa se organiza em torno de uma forma pronta e acabada. O leitor atento nota que ele é um homem de comportamento fixado, que vive segundo as regras impostas pela sua condição política. Ante tais afirmativas, pressupomos que se a Scherezade tem suas ações permeadas por um *plano de imanência ou consistência*, o Califa, ao contrário, é movido pelo *plano de organização*. Para compreender melhor como isso caracteriza-se, vejamos as proposições filosóficas:

De modo que o plano de organização não para de trabalhar sobre o plano de consistência, tentando sempre tapar as linhas de fuga, para interromper os movimentos de desterritorialização, lastreá-los, reestruturá-los, reconstituir formas e sujeitos em profundidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 63)

Pensada numa relação com o que discutem os filósofos, a identificação do Califa é organizada dentro de um plano, seguindo as linhas de estratificação. Na condição de chefe de Estado e pelo fato de pertencer à grei dos grandes abássidas, ele precisa seguir certos ditames, como se mostra no episódio em que foi traído pela esposa.

Na referida situação, ainda que não a amasse, observamos que o personagem age de modo que a sua integridade masculina e de representante do poder seja reafirmada. Por esse motivo, o soberano instaura o decreto que pôs fim a vida de muitas jovens, e mesmo quando não vê mais sentido em manter essa ordem, sua condição de homem de Estado não permite que ele volte atrás, retroceda na decisão. Por isso que o *plano de imanência ou consistência* dentro do qual Scherezade formula sua subjetivação aparece ameaçado

pela tentativa organizacional dos sistemas dominantes que aparecem representados dentro da narrativa.

Esses sistemas materializam-se, sobretudo, nas instituições que objetivam resignar os processos de devires, por exemplo, a família, a religião, o Estado. Vejamos um trecho do romance em que o Califa, figurativizado pelo *plano de organização*, tenta “tapar as linhas de fuga, para interromper os movimentos de desterritorialização [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 63), da contadora de histórias:

O Califa não se comove. Com mínimos gestos expõe um desalento nascido de um olhar imerso em si mesmo e que lhe ocasiona um estranho desfrute. Contando com estes gozos íntimos, ele emite à jovem sinais de perigo. Ao menor descuido, como errar na sequência das palavras e das peripécias, ou desencantar a fala, ele tem o poder de condená-la à morte. (PIÑON, 2004, p. 68-69)

O trecho traduz, para o leitor, o modo como o Califa se impõe à contadora de histórias, ameaçando-a provavelmente com o intuito de desencadear nela um terror/temor que pusesse em risco a sua arte de enredar histórias. Mais uma vez a ideia de poder desponta em *Vozes do deserto* como aquilo que limita o outro, tenta desestabilizar Scherezade na sua experiência de enveredar por outros mundos. Nesse sentido, o poder emerge sempre como uma ameaça, como perigo, como uma forma de condenação que, numa última instância, se relaciona com a própria mortificação do sujeito.

Se, por um lado, o *plano de organização* age em relação ao *plano de imanência* ou *consistência*, como observamos na relação do Califa com Scherezade, é possível afirmar, como demonstram Deleuze e Guattari (2012), que esse segundo plano também possa influenciar no primeiro, ou seja:

Inversamente, o plano de consistência não para de extrair do plano de organização, de levar partículas a fugirem para fora dos estratos, de embaralhar as formas a golpe de velocidade ou lentidão, de quebrar as funções à força de agenciamentos, de microagenciamentos. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 63)

Num contraponto entre a teoria e o que aparece representado em *Vozes do Deserto*, destacamos que, ao mesmo tempo em que o Califa objetiva suprimir a potência de Scherezade, a mulher também acaba influenciando na conduta do soberano, principalmente por meio da arte de contar histórias. Evidentemente que isso não ocorre

logo no início da narrativa, mas após um período de convivência juntos, quando ele vai se tornando refém das tramas inventadas pela jovem.

As mudanças sutis no comportamento do soberano são assinaladas principalmente quando ele principia igualmente o seu processo de devir, desterritorializando-se de um lugar de poder como decorrência das possibilidades de agenciamento que estabelece com o fio narrativo trazido para dentro da câmara nupcial pela voz de Scherezade. Vejamos uma passagem do romance, dentre tantas, em que ele se sente influenciado pelas experiências adquiridas através da convivência com Scherezade e, conseqüentemente, envolve-se de forma direta no conteúdo narrativo que ela fabula:

Sem abandonar o palácio ou renunciar às regalias do trono, ele assumiria por minutos a figura de Simbad, exaustivamente explorada por Scherezade, vivendo em troca deliciosas aventuras. Em nome do marinheiro, a quem o destino reservara toda classe de peripécias. Uma burla através da qual seu gozo multiplica-se. Ao ser Simbad, ainda que por instantes, decide por iniciativa própria atribuir ao marinheiro uma parceira indu, de nome Shiva, que Scherezade não previra. (PIÑON, 2004, p. 237)

É perceptível que Scherezade consegue envolver o Califa na teia dos relatos que ela formula, tornando-o um sujeito partícipe das suas histórias. Aos poucos, o soberano vai substituindo as atividades da sua rotina de líder político, como por exemplo a convivência com os ministros de Bagdá, as audiências para resolver os problemas do califado, as visitas ao harém, a fim de passar mais tempo com Scherezade e ouvi-la fabular. E o mais interessante disso é o fato de ela conseguir que ele, voluntariamente, participe de forma ativa das fábulas, ou seja, passe da condição de ouvinte para sujeito das histórias, incorporando a personalidade, por exemplo, de Simbad, o marujo, personagem que nasce de sua imaginação.

Em outras passagens, o homem também se imagina como Hārūn al-Rashīd, outro ser fictício que emerge nos contos apresentados pela jovem. Dessa maneira, é possível afirmar que, ao longo do romance, o Califa se desloca de uma identidade fixada e passa a se constituir por um campo de multiplicidades, entrando numa relação de vizinhança com os personagens que despontam da fabulação de Scherezade.

Assim, quando o soberano de Bagdá passa a ser influenciado pelas narrativas da mulher, ainda que seja homem e pertença ao universo da macropolítica, ele experiencia uma condição de devir. Há passagens no romance que mostram um sujeito fixo e

enraizado, mas a convivência com Scherezade, o contato com as histórias usadas para entretê-lo, resgata traços da identidade dele que estavam ocultos e eram difíceis de serem trazidos à tona devido a sua condição de chefe de Estado.

O trecho que segue mostra um Califa desatento as suas funções de representante do aparelho de Estado, para tornar-se dependente do universo da criação:

O Califa, por sua vez, preparando-se para a sentença ao amanhecer, é prisioneiro do estado narrativo. Embora rejeite a dependência que tem da jovem, é tão imensa sua ânsia de ouvi-la que não se afasta do palácio mesmo quando forçado a inspecionar o reino, que lhe cobra presença. Prova seu apego as palavras da contadora é haver-lhe surgido em torno dos olhos pigmentações escuras, indícios de prolongada fadiga. (PIÑON, 2004, p. 276)

Desse modo, o Califa apesar de ser um sujeito de identificação mais fixa e preso às normas da instituição que preside, não está impossibilitado de passar pelo campo de imanência, claro que com menos intensidade que Scherezade, sendo que é por intermédio dela que ele consegue tal feito.

Conclusão

A leitura crítica do texto literário nos permitiu problematizar algumas das formas por meio das quais a personagem Scherezade, durante a narrativa de *Vozes do deserto*, passa por situações que podem ser interpretadas como sendo do universo do devir, especificamente de um devir-mulher, que se desenrola pela não submissão a uma identidade estereotipada, proposta ao sujeito feminino. Contrariando os ditames institucionais, ela se constitui como uma personagem à frente do seu tempo, na medida em que, numa Bagdá do século X, ao sujeito mulher não caberia se opor a uma sociedade patriarcal.

Assim, o devir-mulher materializa-se em Scherezade quando ela torna-se um sujeito insubordinado, uma figura rebelde que objetiva livrar as jovens de Bagdá do decreto de morte que pesa sobre elas. E ainda quando ela decide mudar de vida, tomando para si a defesa das demais mulheres condenadas à morte. Nessa perspectiva, o devir acontece por um processo de ruptura provocado pelo fato de a personagem tomar para si uma

subjetivação não institucionalizada, que a distanciaria de uma vivência reclusa no palácio do pai, afastada do destino das demais donzelas do reino.

Vimos que, enquanto o Vizir e o Califa podem ser concebidos como representantes das instituições familiar e estatal, respectivamente, ocupando posições elevadas dentro de uma hierarquia social, aproximando-se ao universo majoritário, Scherezade traduz um desejo de se relacionar com aqueles indivíduos errantes, sem espacialidade fixa, ou seja, com o universo do menor, das micropolíticas. Esse processo aparece potencializado na narrativa quando, na função de contadora de histórias, a personagem feminina estará permanentemente numa condição de devir-revolucionário, que se caracteriza por uma política de resistência diante do modo autoritário do aparelho de Estado.

Também observamos, como o soberano de Bagdá, ao ser influenciado pelas narrativas de Scherezade, ainda que pertença ao universo da macropolítica, acaba se desterritorializando e passando por uma condição de devir. Conforme comprovamos com passagens do romance, mesmo sendo um homem fixo e enraizado, a convivência com Scherezade, o contato com as histórias usadas para entretê-lo, resgataram traços da sua subjetividade que estiveram ocultados devido a sua condição de chefe de Estado.

Isso ocorreu, dentro da narrativa, ao mostrar-se desatento e afastar-se das suas funções de representante do aparelho de Estado para tornar-se expectador, dependente, do universo da criação. Dessa maneira, ainda que seja um sujeito de identificação mais fixa e preso às normas da instituição que preside, o Califa não está impossibilitado de passar pelo campo de imanência do desejo.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol.4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Tradução Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARCONDES, Danilo & JAPIASSÚ, Hilton. **Dicionário Básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contaponto, 2008.
- PIÑON, Nélide. **Vozes do Deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.